

Deputado resiste a fogo cruzado dentro do partido

Brasília — Administrar pressões. Este é o maior desafio, no momento, para o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que se vê acuado pelos mais diferentes tipos de pressões dos governadores e parlamentares eleitos, na disputa de espaços políticos tanto no Congresso como na Constituinte. A maior das pressões vem de Minas Gerais: o governador eleito Newton Cardoso e a maioria dos 35 deputados da bancada querem o cargo de líder do partido na Câmara, mas aceitam como prêmio de consolação a vaga de relator da chamada "grande comissão" da Constituinte.

Depois, vêm as bancadas do Rio Grande do Sul e de Pernambuco, que lutam pela permanência de suas representações no comando partidário, ocupando os mesmos cargos dos governadores eleitos Pedro Simon (1º-vice) e Miguel Arraes (2º-vice) na Executiva Nacional. Por último, está a tentativa de rebelião dos deputados novos — também chamados de "anjos" — que

alegam terem sido colocados à margem das discussões partidárias.

O problema de Minas é o mais delicado. No domingo passado, Ulysses recebeu um telefonema do deputado Joaquim de Melo Freire, presidente regional do partido, que postula a liderança. O presidente do PMDB afirma que não quer e nem pode intrometer-se em assuntos da bancada.

Mas relator da Constituinte é um cargo nobre, que exige do postulante um currículo acima da média. E Ulysses parece tão criterioso que rejeitou desde o início as pretensões do deputado Bernardo Cabral, eleito pelo Amazonas, cujo currículo de jurista inclui também o de ex-presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Como o presidente da "grande comissão" será um senador e do PFL — Afonso Arinos —, o natural é que o relator seja um deputado do PMDB. Ninguém discute isso, mas as credenciais. A bancada de Minas é numericamente a maior do partido e, se não ficou com a liderança, terá que ter o relator.

Essa acomodação é muito complicada, mas não traz tantos reflexos políticos quanto o preenchimento dos cargos da Executiva. Ulysses reconhece que, pelo menos até o final dos trabalhos da Constituinte, terá que se afastar da presidência do PMDB. O ritual é sim-

ples: o diretório elege os substitutos de Simon e de Arraes e ele, na própria reunião, passa o bastão temporariamente para o que for eleito 1º-vice-presidente do PMDB. Por isso, esse cargo agora é o mais disputado.

Todos pensavam que Ulysses estava reservando a vaga de Simon para o fiel senador Afonso Camargo (PR), que já foi seu secretário-geral. Mas Camargo no momento retribuiu ao "presenciável" José Richa o apoio que dele recebeu para eleger-se senador. Para não correr o risco de ver Richa assumir o controle da máquina do PMDB, a saída para Ulysses é ceder às pressões da cúpula do PMDB gaúcho: Camargo ficaria no seu lugar de 3º-vice-presidente.

Quanto às pressões dos novos, Ulysses deixa a solução para uma etapa seguinte. Acha o movimento injusto porque, alega, depois das eleições, o partido foi obrigado a concentrar-se exclusivamente sobre as questões econômicas. Ulysses acredita que o que deve ter incomodado mais os novos parlamentares foi a reunião dos governadores, marcada com grande antecedência, segundo ele. Os novos, avisa o presidente do PMDB, terão a reunião da bancada, no próximo dia 28, para expor suas idéias.